O artífice da memória

É grande a herança intelectual do historiador Pierre Nora. Como é grande a dívida que temos para com ele.

Nuno Severiano Teixeira, *Público*, 9 de Julho de 2025

Morreu no mês passado, em Paris, aos 93 anos, Pierre Nora. Nos *media* portugueses, que eu tivesse dado por isso, nem uma palavra. E, no entanto, foi um dos intelectuais públicos mais importantes em França e um dos historiadores mais influentes da historiografia contemporânea.

Na segunda metade dos anos 70 e nos anos 80, o domínio anglo-saxónico não imperava ainda na universidade portuguesa. E nas ciências humanas e na história, em particular, a importância da cultura francesa era grande. E foi assim que, logo que cheguei à faculdade e me fiz aprendiz de historiador, tomei contacto com Pierre Nora. Nunca o conheci pessoalmente, mas devo-lhe muito da minha formação historiográfica. E acompanhei até ao fim a sua obra, que foi para mim uma referência.

Nascido, em 1931, no seio de uma rica família judia de Paris, a ocupação nazi foi para ele um momento difícil, que viveu sem traumatismos, mas deixou marcas. No fim da guerra, regressou a Paris e frequentou os melhores liceus, os que preparam a elite para as grandes escolas. Estava destinado à filosofia e à célebre École Normale Supérieure. Mas reprovou três vezes no concurso de acesso. Voltou-se, então, para a História e, em 1957, passou a *agrégation*, que dá acesso ao ensino. E entre 1958 e 1960, ei-lo a ensinar História no liceu de Oran, na Argélia ainda francesa. Assistiu aos últimos anos conturbados do colonialismo e concluiu que o sistema colonial acabava por subverter mesmo as melhores intenções. Não havia, pois, alternativa à independência. Isso mesmo escreveu num livro que publicou em 1961, *Os Franceses da Argélia*.

Regressado a França, entra no mundo editorial e nas Edições Julliard funda uma nova colecção: *Archives*. Uma nova concepção que queria promover o contacto com o arquivo, mas sem o fetichismo do documento. O primeiro volume de Poliakov sobre Auschwitz foi um sucesso. A colecção tornou-se obrigatória e todos nós na faculdade gostávamos de exibir o nosso livrinho de bolso da *Archives*. Mas, nessa altura, eu ainda não conhecia Nora.

Em 1965 entra em *Sciences Po* e, nesse mesmo ano, muda-se para a prestigiosa editora Gallimard e funda aí, em 1966, a mais icónica colecção: a *Bibliothèque des Sciences humaines*. O primeiro volume foi *Problemas de Linguística Geral*, de Émile Benveniste, que foi um sucesso e se tornou um clássico. Mas o verdadeiro triunfo

editorial e verdadeiro estrondo intelectual veio com *As Palavras e as Coisas,* de Michel Foucault. Estava-se em plena idade do ouro das ciências humanas.

Nora resistiu a muitas das tentações intelectuais do seu tempo: o existencialismo, o marxismo e a psicanálise. Mas "flertou" com o estruturalismo. E quando, em 1970, funda a sua segunda colecção icónica, a *Bibliothèque des histoires*, com minúscula e no plural, ela correspondia, sem tirar nem pôr, à definição da prática histórica de Foucault na sua *Arqueologia do saber*. E foi aí que encontrei Pierre Nora. E nunca mais o perdi.

Em 1974, publica em três volumes *Fazer História (novos problemas; novas aproximações e novos objectos)*. Era a afirmação da terceira geração da Escola dos *Annales* e o manifesto da Nova História. Tornou-se para mim a referência teórica e metodológica no fazer da história. Mas a obra monumental estava para vir. Entre 1984 e 1993, em sete volumes e reunindo 130 historiadores, ele foi o arquitecto e o construtor de *Les Lieux de Mémoire*. Uma outra forma de pensar a relação entre a memória e a história, através de uma cartografia mental que desmitologiza os monumentos, as tradições, os símbolos da identidade nacional. Inovou outra vez, em 1988, com os *Essais d'ego-histoire*, ao reintroduzir a subjectividade e convidando os historiadores a fazerem-se historiadores de si próprios.

Foi eleito, em 2001, para a Academia Francesa, um dos seus lugares de memória. Foi sempre um espectador empenhado, como dizia Raymond Aron. E, como intelectual público, passou os seus últimos anos a combater a intromissão do Estado no fazer da história: as comissões comemorativas e as comemorações oficiais, as leis da memória e os usos e abusos da história.

É grande a sua herança intelectual. Como é grande a dívida que temos para com ele. Eu, sem os três volumes do *Fazer a História*, não faria História como a faço hoje. E sem os *Lugares de Memória* nunca teria escrito *Os Heróis do Mar e a História dos Símbolos Nacionais*. Ainda hoje, figuram na primeira estante da minha biblioteca. Como disse René Rémond, "ele acrescentou uma província inteira ao território do historiador".

https://www.publico.pt/2025/07/09/opiniao/opiniao/artifice-memoria-2139480